

## A DISCUSSÃO DO CONTEXTO DE NEGROS NO BRASIL COMO REPRESENTATIVIDADE PARA OS ALUNOS DAS INSTITUIÇÕES DE ENSINO: DEBATIDA OU ESQUECIDA?

Davi Cerqueira da Silva <sup>1</sup>

### RESUMO

Com diversas abas, contextos e níveis, o racismo se torna um problema, também, dentro do colégio, desde tempos antigos. Com diferenças sociais, raças e histórias de povos que fizeram parte da construção do país, a escola vem com a função de mostrar aos estudantes que eles fazem parte da geração futura de adultos e jovens. Todo esse percurso que fez o Brasil ser o que é atualmente, é dialogado dentro de maioria das escolas do país, de forma incompleta, pois quando é parado para analisar a formação cultural e socio econômica do território, é visto a participação, em porcentagens grandes, de pessoas pretas. O presente artigo descreve e mostra um pouco dessa história e sua importância quando falada dentro do colégio com o intuito de integrar e firmar as raízes de pessoas negras, a fim de se sentirem representadas dentro do âmbito, trazendo como principal temática a diferença que faz ter essa conversa dentro das instituições, em todas as oportunidades possíveis de mostrar e falar sobre. Dessa maneira, discutir a problemática, soma de forma crescente na vida do profissional que lida com essas questões dentro da sala de aula, ajudando no desenvolvimento e pensamento crítico pessoal e do próximo.

**Palavras-chave:** Representadas, Brasil, Educação, Profissional, Preto..

### INTRODUÇÃO

Definido como o preconceito e discriminação a quem possui uma raça, cor e origens diferentes da maioria das pessoas brancas que vivem no Brasil, o racismo dentro da educação pode vir de diversas formas... seja estrutural, escancarada ou velada. Deprendendo-se nisso, e com base em teorias de, por exemplo, Eurico Guimarães, Bernard e Gilberto Freire, iremos trabalhar em cima da relação escola e aluno.

O processo da entrada do racismo no Brasil começou quando, historicamente, a maioria que povoava o país eram brancas e se viram superior as pessoas negras, colocando-as em menor relevância, tornando-os inferiores e diminuindo seu espaço dentro da sociedade, mesmo após a escravidão, iniciando o processo de desvalorização e exclusão social. desses povos. Embora o país brasileiro seja integrante do grupo de

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal - RN, [davicerqueira583@gmail.com](mailto:davicerqueira583@gmail.com);

países mais miscigenados do mundo, o preconceito e a discriminação é algo histórico, que vem desde a colonização da terra, onde os escravos foram negros e índios, simplesmente, por serem de cor daqueles denominados “descobridores do Brasil.” Ocorrendo atitudes racistas que são pregadas por muito até hoje. É a partir desse processo que iniciou o racismo estrutural.

Atualmente, vive-se a era das inovações tecnológicas e da intensificação das descobertas científicas, porém, no que se diz respeito a diversidade cultural observamos que a vida em sociedade, ainda, é permeada por diferentes formas de preconceito. De acordo com Santos (2007), atualmente no Brasil, assumir a identidade cultural do afrodescendente é um ato de coragem que vem sendo reafirmada por meio das conquistas históricas do Movimento Negro.

O racismo se divide em diversas formas... no dicionário é possível encontrar as definições para cada tipo. Entre eles, a definição da própria palavra racismo, racismo estrutural e institucional.

“Racismo é a denominação da discriminação e do preconceito (direta ou indiretamente) contra indivíduos ou grupos por causa de sua etnia ou cor. É importante ressaltar que o preconceito é uma forma de conceito ou juízo formulado sem qualquer conhecimento prévio do assunto tratado, enquanto a discriminação é o ato de separar, excluir ou diferenciar pessoas ou objetos.”

“Racismo institucional: De maneira menos direta, o racismo institucional é a manifestação de preconceito por parte de instituições públicas ou privadas, do Estado e das leis que, de forma indireta, promovem a exclusão ou o preconceito racial. Podemos tomar como exemplo as formas de abordagem de policiais contra negros, que tendem a ser mais agressivas. Isso pode ser observado nos casos de Charlottesville, na Virgínia (EUA), quando após sucessivos assassinatos de negros desarmados e inocentes por parte de policiais brancos, que alegavam o estrito cumprimento do dever, a população local revoltou-se e promoveu uma série de protestos.”

“Racismo estrutural: De maneira ainda mais branda e por muito tempo imperceptível, essa forma de racismo tende a ser ainda mais perigosa por ser de difícil percepção. Trata-se de um conjunto de práticas, hábitos, situações e falas embutido em nossos costumes e que promove, direta ou indiretamente, a segregação ou o preconceito racial. Podemos tomar como exemplos duas situações:

1. O acesso de negros e indígenas a locais que foram, por muito tempo, espaços exclusivos da elite, como universidades. O número de negros que tinham acesso aos cursos superiores de Medicina no Brasil antes das leis de cotas era ínfimo, ao passo que a população negra estava relacionada, em sua maioria, à falta de acesso à escolaridade, à pobreza e à exclusão social.

2. Falas e hábitos pejorativos incorporados ao nosso cotidiano tendem a reforçar essa forma de racismo, visto que promovem a exclusão e o preconceito mesmo que indiretamente. Essa forma de racismo manifesta-se quando usamos expressões racistas, mesmo que por desconhecimento de sua origem, como a palavra “denegrir”. Também acontece quando fazemos piadas que associam negros e indígenas a situações vexatórias, degradantes ou criminosas ou quando desconfiamos da índole de alguém por sua cor de pele.”

Outra forma de racismo estrutural muito praticado, mesmo sem intenção ofensiva, é a adoção de eufemismos para se referir a negros ou pretos, como as palavras “moreno” e “pessoa de cor”. Essa atitude evidencia um desconforto das pessoas, em geral, ao utilizar as palavras “negro” ou “preto” pelo estigma social que a população negra recebeu ao longo dos anos. Porém, ser negro ou preto não é motivo de vergonha, pelo contrário, deve ser encarado como motivo de orgulho, o que derruba a necessidade de se “suavizar” as denominações étnicas com eufemismos.

Para completar essas definições, o racismo velado vem como um dos tipos que também permeiam dentro da sociedade brasileira. É aquele tipo de racismo que está enraizado no povo e quando alguém fala, não é notado, não é discutido, pois já estão acostumados, infelizmente, tanto quem sofre quanto quem pratica. Vem em frases como: “cabelo ruim” se referir a uns lápis bege como “cor de pele” ... entre outros.

“Qualquer estudo sobre o racismo no Brasil deve partir do princípio de que aqui o racismo é um tabu, pois os brasileiros se imaginam numa democracia racial. Essa ideia de civilidade tem raízes profundas na história do Brasil e pode ser verificada desde que foi abolida a escravidão.” (Guimarães, 1999 apud EURICO, 2013).

Diante de toda a explicação que foi dada nos parágrafos acima, a pesquisa girou com o intuito de apresentar propostas que foram baseadas em uma pergunta primordial e de suma importância atualmente: “vivemos em uma sociedade igual para todos?” “à geração do futuro está aprendendo sobre as diferenças?” “há a representatividade de pretos dentro da escola?” “a história de pessoas de cor é contada e

abordada como temáticas primordiais assim como a história de pessoas brancas dentro da sala de aula?”

## **METODOLOGIA**

Foi utilizado o método de pesquisa qualitativo, com a finalidade de analisar teorias de autores sobre a problemática do racismo e como isso, ao refletir na sociedade, interfere na educação do aluno dentro do colégio. A finalidade é apresentar respostas que contribuam com os estudantes e docentes, permeando em torno de como a discussão é benéfica no combate a falta de representatividade dos negros dentro da sala de aula, eliminando essa repressão e exclusão velada e a falta de informações de que, o negro fez e faz parte de muita coisa importante dentro do âmbito social e educacional.

Partindo do método de pesquisa online, foi criado um formulário virtual para alunos de escolas públicas e privadas, do 6º ano do ensino fundamental ao 3º ano do ensino médio, com perguntas sobre o preconceito racial e a quantidade de negros dentro da sala de aula dos colégios que eles estudam, compreendendo e demonstrando a realidade das escolas do município de Natal, RN. Ao total, participaram em torno de 1000 estudantes, divergindo entre escolas públicas e privadas, além de entrevistas com estudantes negros.

O estudo terá caráter quantitativo, com ênfase na observação e entrevistas, pesquisas bibliográficas e pesquisas qualitativas ao mesmo tempo que transmite ao leitor a importância do estudo na vida de um discente que seja negro, assim como o discente branco que evitará as falas negativas e racistas que, na prática, são tizadas como “brincadeiras.”

Este trabalho foi desenvolvido numa perspectiva sócio cultural e educativa por entendermos o quanto é importante o processo de contribuição para a discussão dessa temática, visto que a partir disso pode haver consequências dentro e fora da escola. Foi considerado necessário destacar os principais aspectos teóricos, dentro desta abordagem, que nortearam o presente trabalho, como por exemplo, os estudos feitos a partir de teorias que foram criadas por grandes autores.

Sob esse enfoque, é inferido que é na escola que muitas crianças negras começam a se achar e perceber que são diferentes de cada um, fisicamente, mas no lugar de ver isso como algo normal, enxergam como algo negativo e culposos. Isso

acontece quando, dentro do seu maior convívio por parte do seu dia (escola), não é discutido, ou é pouco discutido, entrando nessa fase escolar, quando não debatida, o racismo estrutural e velado começa a se tornar presente no meio acadêmico.

Em segunda análise, no processo de crescimento somos influenciados por pessoas e pelo meio social, nesse caminho passamos a ter uma concepção negativa as gerações anteriores, e visse versa, onde é concluído uma imagem negativa também a diversidade cultural representada tanto pela cor, origem ou religião. É perceptível que através de ações, principalmente na escola, é passado e repassado a ideia de racismo, onde muitas vezes é sem perceber, mas que com a devida atenção e cuidado, pode ser desconstruída.

Um exemplo clássico de uma prática racista no ambiente escolar, muitas vezes ignorado entre os alunos e professores é a prática do Blackface, ocorre quando com o intuito de interpretar personagens de uma história infantil, os alunos brancos pintam os rostos com tinta preta. Essa prática foi utilizada no início do século XX pelos cineastas, visto que negros não eram reconhecidos como atores.

“A prática de pintar atores brancos de preto foi muito recorrente nos Estados Unidos durante mais de um século nos Minstrel Shows. O auge desses espetáculos ocorreu entre a década de vinte do século XIX e ade trinta do século XX. Tratava-se de shows humorísticos, onde havia comediantes brancos que se travestiam de homens negros: pintavam o rosto com graxa, exageravam os lábios, usavam perucas de lã, luvas e fraque. Essas performances desempenharam papel importante em consolidar e proliferar imagens, atitudes e percepções racistas no mundo. Era também uma forma de se apropriar, assimilar e explorar a cultura negra americana.” (LEAL, 2008, p.4).

Dessa forma, como o docente pode trabalhar em conjunto, com ações pedagógicas para superar o racismo dentro do ambiente educacional? O Brasil é um país de formação multirracional, ou seja, formado por misturas raças, crenças e costumes. A educação nas escolas, deveria ajudar os alunos e professores a entenderem que há muitas diferenças entre as pessoas, povos e nações, e que dentre toda essa diversidade, isso precisa ser estudado e abordado.

“Porém, leis sozinhas não bastam. Nessa luta, o papel do docente é fundamental. O professor deve possuir informações, formação, discernimento e sensibilidade sobre a situação da realidade racial e social no país, para contribuição do preconceito e discriminação.” (BRASIL. MEC, 1997 P.4)

Assim, é fundamental que a escola forme cidadãos com novos pensamentos contra o racismo; A ausência de educadores preparados para discutir este tipo de violência em sala de aula é urgente, essa ausência faz com que o racismo e suas problemáticas se naturalizem com o agravo do apoio institucional.

“O racismo continua sendo uma implacável e deprimente questão do nosso tempo. São poucos os temas, se é que há outros, que demandam tanta atenção e esforço com tão poucos frutos. Toda vez que “baixamos a guarda” uma nova descoberta revela a complexidade, a violência e a absoluta obstinação daquilo que tornou-se o problema do século XIX.” (CASHMURE et al, 2000. P11)

Isso pode ser feito através de roda de conversa, debates, danças, oficinas de histórias do negro, palestras educacionais e estudos englobados nas matérias curriculares que envolvam toda a escola, para que haja esse diálogo e representação tão importante dentro do ambiente.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

A iminência de pretos dentro da sala de aula é menor em virtude de diversos fatores sociais que implicam nesses números, e, os que estão dentro da sala acabam sendo minoria dentro de uma classe de ensino majoritariamente branca. Logo, sem haver uma conversa sobre as origens do preto, diversidade racial e como ver e saber que uma pessoa está sendo preconceituosa com sua raça, o racismo velado se torna comum e despercebido, gerando naquele único aluno de cor a estar na sala, ideias de mudanças físicas e comportamentais, pois se sentem indiferentes perante tantas pessoas ao seu redor iguais.

Segundo o sociólogo brasileiro Renato Ortiz, “a questão da raça é linguagem através da qual se aprende a realidade, ela reflete inclusive o impasse da construção de um estado nacional que ainda não se consolidou.” (ORTIZ, 2003. P.30). Longe de ser uma questão acessória ou contemporânea, a questão racial faz parte da criação da construção do país. É fundamental manter em ponto de análise que “O perfil de desigualdade racial não é um simples legado do passado; Ele é perpetuado pela estrutura desigual de oportunidades sociais a que brancos e negros estão expostos no presente.” Por isso é tão importante esse debate dentro das instituições de ensino.

Ao analisar o contexto do meio escolar e várias vertentes que o ensino traz, foi realizado uma entrevista com um estudante de direito da UERN (Universidade Estadual do Rio Grande do Norte), o Arthur. Ao perguntar a ele sobre o que ele acha da discussão em torno do racismo dentro do âmbito de ensino, ele respondeu que:

“Ainda acho uma discussão muito rasa, porque a partir do momento que existe uma lei de cotas, onde o negro por direito deve ingressar no ensino público (Institutos Federais, Universidade Federais e Estaduais, entre outros.), as pessoas não debatem sobre o assunto.” O Arthur conclui dizendo que “Eu enquanto estudante do curso de Direito, que é um curso majoritariamente branco, sinto muita falta dessa discussão e do negro dentro da sala de aula, pois inda com a lei de cotas o negro não é visto nem é o ponto chave da discussão, pois não há a presença deles.”

Em seguida foi perguntado sobre as relações étnico raciais e se forma discutidas na sua época de colegial. A resposta para essa pergunta foi: “Essas relações são discutidas mas não o tanto quanto necessário, pois precisa se cravar um debate efetivo para que as pessoas possam sim entender o lugar do negro, que o negro deve sim ocupar espaços, participar das discussões, sendo de suma importância ter essa conversa, mas ainda é algo bastante superficial, pois é algo muito fechado e muito regrado.”

Com a sociedade brasileira criada em uma elite intelectual alienada a valores culturais europeus e com uma classe dirigente aliada ao imperialismo econômico e à sua ideologia racista, seria ingênuo acreditarmos que o atual Sistema Educacional possa vir a organizar o ensino em desacordo com as classes que dominam a sociedade, e de acordo com as características multirraciais da população que possui.

Logo, se os responsáveis por formular parte do ensino no Brasil são pertencentes a uma elite intelectual eurocêntrica, é lógico que maioria do ensino, muitas vezes sem perceber, está centrado nos valores culturais europeus. Não se pode esperar que com este sistema econômico, neste modo de produção capitalista dependente, o Sistema Educacional possa vir a se preocupar em preparar o professor para lecionar para uma população escolar racial e culturalmente diferenciada.

É incoerente achar que se pode mudar a escola sem tocar na questão racial, sem se travar a sociedade uma luta cultural contra os valores alienígenas que nos são impostos, sem se travar uma luta ideológica contra o eurocentrismo, contra o racismo. O professor, principal agente na escola, do processo de socialização e transmissão do saber acumulado pela humanidade, desconhece o patrimônio cultural produzido por essa

própria humanidade, que inclui o negro, o índio e muitas etnias, bem como apresenta distorções em relação a estes segmentos da humanidade.

Para completar essa parte da pesquisa, foi feito também, uma entrevista com uma Ex aluna de escola particular X, do município de Natal/RN. A pergunta que foi feito a ela, era se dentro desse colégio, foram discutidas histórias do contexto da chegada e cultura dos negros no país, assim como se ela já sofreu racismo estrutural ou velado dentro desse ambiente.

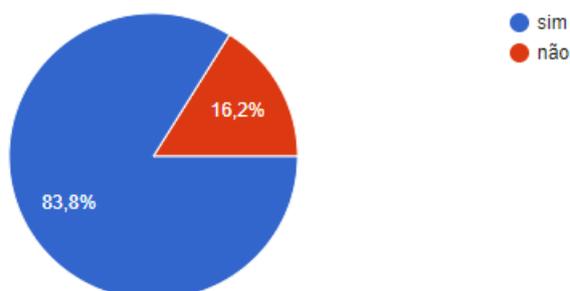
“Pelo menos na época em que eu estudava lá, essa temática era discutida apenas em algumas aulas de história, sobre escravidão, e no dia da consciência negra. Mas não era tão abordado com um contexto de representatividade para nossa raça.”

A segunda pergunta, ela respondeu que “Os outros alunos sempre falavam do meu cabelo e do meu nariz, mas sempre fiquei calada pois também acabei achando estranho e me sentindo diferente dos meus outros colegas de sala, principalmente das meninas.”

Durante alguns dias, foi disponibilizado um formulário online para os estudantes de Natal que cursam a partir do 6º ano do ensino médio, com isso, foi perguntado as seguintes questões: “Já fizeram alguma piada com sua fisionomia? ex: cabelo, nariz” “quantos alunos tem dentro da sua sala?” “sua escola é pública ou privada?”

Os resultados refletiram de acordo com o que representa dentro do município de Natal/RN, mas, que abordado de forma maior, pode representar muitos outros estados e municípios do Brasil. O resultados para a pergunta sobre a piada em relação a sua fisionomia foram, em 83,8% sim, lembrando que o contexto de todas as perguntas eram dentro das escolas, e principalmente, com pessoas pretas.

Já fizeram alguma piada com sua fisionomia? ex: cabelo, nariz



Elaborador: Davi Cerqueira

Na segunda pergunta, que foi sobre a quantidade de negros dentro da sala de aula, a resposta foi em média 18,9% para 2 negros, 7,9% para 1 negro e 10% para nenhum negro dentro da sala de aula. Embora essa pesquisa represente pouco a realidade dos estudantes quando comparada a um país inteiro, é de extrema importância que esse assunto seja discutido, todas as conversas e diálogos sobre assuntos que fazem parte da minoria do país e que também são importantes para a construção da sociedade, merecem ser discutidas.

Como salientado anteriormente, esse papel de problematização, representação, reconstrução e discussão sobre a identidade negra também deve ser feito pela escola, as formas são inúmeras e fáceis de abordar. Porém, muitas vezes, enquanto uma instituição formadora, contraditoriamente, a escola apresenta-se menos eficaz e menos sensível diante desse processo tão importante para o mundo.

O entendimento acerca das partes físicas e características herdadas do corpo negro desde a colonização, além dos sentidos da manipulação de suas diferentes partes, entre elas, o cabelo, pode ser um dos caminhos para a compreensão da identidade do preto dentro da sociedade. Pode ser, também, um importante aspecto do trabalho com a questão racial na escola que passa despercebido pelos educadores e educadoras.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O tom que marca o panorama do pensamento pedagógico brasileiro (Gadotti, 1987) é a democratização e qualidade de ensino, a liberdade, enfim, valores que são considerados progressistas. Dessa forma, será que ensinando e conversando sobre a participação da pessoa negra dentro da sociedade, como participadora de diversas conquistas do país, não é algo progressista? E se é algo progressista, porque maioria das instituições só separam um dia para falar sobre isso?

Compreende-se a "escola" em três níveis de realidade: 1) da existência de relações pedagógicas mais amplas, consonando uma instituição social que se exerce nos mais variados espaços, tanto quanto "nesta escola"; 2) do funcionamento de um sistema educacional formal encarregado de fazer com que as relações pedagógicas, que permeiam o campo social, adquiram certas funções específicas, ganhando normas, estruturas e condições apropriadas ao exercício prioritário de tais funções; 3) do processo pedagógico concreto característico da escola enquanto "lugar" onde acontece

de fato a conversão das relações pedagógicas mais amplas em relações educativas formais, através da efetivação dos planos dos órgãos pertencentes ao sistema educacional nas ações de ensinar/aprender.

É compreendido, por meio desse estudo, que possíveis caminhos poderiam ser tomados, além da mudança da prática docente, seja por meio de formação continuada de professores, seja por meio da reformulação das políticas curriculares, seja através de um trabalho voltado a conscientização da sociedade em geral, por instituições externas a escola, seja por meio de políticas educacionais que visem a equiparação das injustiças historicamente realizadas.

Esta valorização da escola de todo dia, com seu processo pedagógico concreto, encontra ressonância nas posições tomadas por muitos educadores brasileiros. Assim, privilegamos a compreensão do cotidiano escolar como um campo onde é preciso situar a questão do racismo na escola.

Ao mesmo tempo em que esta compreensão permite ter sempre em vista e em mente a realidade de todo dia do processo pedagógico, entremeada pelos acontecimentos expressivos do racismo, é nela também que se encontra as ligações, também reais, como os dois níveis de existência da "escola" - as relações pedagógicas mais amplas e o sistema educacional - ligações que deste modo prolongam igualmente a íntima conexão, nos três níveis, da educação com o racismo.

Visto tudo isso, por que não colocar em prática tudo que é tido no papel para se fazer? A realidade de diversos alunos que não se sentem representados é dura e triste. Viver dentro de um social em que, no seu âmbito de estudo, o negro é tido apenas como escravo como formador pessoal do país, é duro para se ouvir e estudar, principalmente, quando se está dentro de uma sala onde você é o único negro nela! Obter informações de cultura, apresentar participações de sucesso e positivas que os brancos também tiveram, é o papel da escola dentro do social. Sem a diversidade cultural e de raças dentro dela, os alunos, em maioria brancos, que saem formados do lugar, pensam que o mundo se resume apenas a pessoas de sua cor e classe social, vivendo um etnocentrismo.

## REFERÊNCIAS



GOMES, N. L. **Corpo e cabelo como ícones de construção da beleza e da identidade negra nos salões étnicos de Belo Horizonte.** 2002. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Acesso em: 11 maio de 2020.

MUNANGA, K. **"Arte afro-brasileira" o que é, afinal?** In: ASSOCIAÇÃO 500 ANOS BRASIL ARTES VISUAIS. Mostra do redescobrimento. *Arte afro-brasileira*. São Paulo: Fundação Bienal de São Paulo, 2000. p. 98-111. Acesso em: 08 maio de 2020.

BONI, M. R. **Formação docente para a Lei 10.639/03.** In: Seminário de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá: CEFRAPO/SINOP, 2008. Disponível em: Acesso em: 10 Mar. 2017

SANTOS, S. Q. dos. **População negra, relações inter-raciais e formação de educadoras/ES:** PENESB (1995-2007). 158 F. 2007. Dissertação (Mestrado em Educação) – Pontífice Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: Acesso em: 10 mar. 2017.